



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

AFETIVIDADE E TEORIA WALLONIANA: EXPERIÊNCIAS AGRADÁVEIS E DESAGRADÁVEIS SEGUNDO ESTUDANTES DO CURSO DE PEDAGOGIA

Maria Thaís de Oliveira Batista

Universidade Federal Rural de Pernambuco – taholiveira.thais@gmail.com

Zildene Francisca Pereira

Universidade Federal de Campina Grande – denafran@yahoo.com.br

Resumo: O presente trabalho teve como objetivo indagar o que estudantes de Pedagogia compreendem acerca do conceito de afetividade a partir do relato de experiências educativas agradáveis e desagradáveis vivenciadas ao longo da trajetória acadêmica. Participaram da pesquisa quatro (4) estudantes do Curso de Pedagogia, sendo que o local selecionado para a realização foi a Universidade Federal de Campina Grande, Campus de Cajazeiras/PB. A coleta dos dados foi realizada a partir da entrega de uma carta as estudantes, como forma de compreender o conceito destas acerca da afetividade a partir do relato de experiências educativas agradáveis e desagradáveis vivenciadas ao longo da trajetória acadêmica. Uma das participantes nos trouxe algumas experiências afetivas positivas para o seu desenvolvimento enquanto sujeito, e outras nos trouxeram vivências que as afetaram de forma negativa, ao ponto que em uma delas, deixaram até “traumas” mediante algumas situações específicas ocorridas na sala de aula. Em relação à afetividade, vemos que esta é compreendida, como uma forma de afetar e ser afetado por sensações agradáveis e desagradáveis em meio as nossas vivências, porém, ela também foi compreendida, apenas, como uma forma que temos de afetar e de sermos afetados positivamente, sem levar em conta que ela perpassa uma discussão bem mais ampla, do que o senso comum compreende ser. Portanto, na medida em que os professores em formação, bem como os profissionais que já atuam no âmbito educacional, compreendem o desenvolvimento humano de forma não fragmentada, estes passam a enxergar a possibilidade de desenvolvimento integral do sujeito.

Palavras-chave: Afetividade, Teoria Walloniana, Formação de Professores.

Introdução

O presente trabalho é um recorte do terceiro eixo temático da análise dos dados da monografia intitulada “Conjuntos Funcionais na teoria Walloniana: o que estudantes do curso de Pedagogia compreendem acerca da relação afetividade e aprendizagem na universidade”. Ao longo da discussão aqui proposta, tivemos o objetivo de indagar o que

estudantes de Pedagogia compreendem acerca do conceito de afetividade a partir do relato de experiências educativas agradáveis e desagradáveis vivenciadas ao longo da trajetória acadêmica.

Pensar a afetividade e nos demais conjuntos funcionais apontados por Wallon (1973) como integrantes a seu estudo de maior renome “A Psicogênese da Pessoa Completa” requer que saibamos que essa não



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

é uma discussão fácil, nem tampouco simplória a olhos leigos, pois, o autor nos trás uma linguagem um tanto difícil, principalmente, por apresentar alguns conceitos da área da saúde, muitos conceitos que necessitam ser bem estudados, para uma melhor e mais clara compreensão do leitor acerca da temática em estudo.

Hoje, vemos com mais clareza a importância do desenvolvimento contínuo no trabalho do professor diante da Afetividade e dos demais conjuntos funcionais abordados por Wallon (1973) para um pleno desenvolvimento da aprendizagem dos educandos, e para o próprio trabalho desenvolvido pelo professor junto a tais sujeitos. Ao ponto que cabe aos professores buscarem conhecer os processos que integram o desenvolvimento humano em todas as suas dimensões – afetiva, cognitiva e motora –, para que possam elaborar práticas pedagógicas que contemplem as particularidades e necessidades dos indivíduos.

Metodologia

Nosso estudo teve como modalidade de pesquisa a abordagem qualitativa, pela qual segundo Oliveira (2008), há uma relação significativa, recíproca e interdependente entre sujeito e objeto – referindo-se a existência do mundo subjetivo e objetivo das

coisas –, de modo que esse tipo de abordagem, espera do pesquisador uma posição de reflexão e de análise diante da realidade do objeto em estudo, utilizando-se de técnicas que o farão obter uma visão mais detalhada e clara do seu objeto.

Na tentativa de alcançar o objetivo, previamente elaborado, que foi indagar o que estudantes de Pedagogia compreendem acerca do conceito de afetividade a partir do relato de experiências educativas agradáveis e desagradáveis vivenciadas ao longo da trajetória acadêmica, utilizamos para a composição da pesquisa, a escrita de uma carta, contendo uma contextualização do nosso interesse com a temática, bem como a proposta de que nos respondessem esta carta, como forma de suprir outros questionamentos que tínhamos mediante a pesquisa em estudo.

Foi solicitado que as estudantes nos dessem a sua compreensão escrita sobre o conceito de afetividade, e que exemplificassem este conceito através de experiências vividas na sua vida estudantil/profissional/pessoal, sejam elas agradáveis ou desagradáveis mediante as suas concepções acerca de tal assunto.

Este tipo de escrita que possibilita ao participante responder um questionamento através de uma carta, e lhe concede uma maior liberdade no percurso que sua escrita pode tomar, é conhecido como epistolografia.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

O trabalho com o texto epistolar possibilita aos professores em formação, bem como aos professores formados e aos diversos pesquisadores, uma (re) valorização desse tipo de material, que necessita ganhar maior visibilidade e relevância dentro do universo de pesquisa (TAMAROZZI, 2007).

O trabalho foi realizado com a participação de quatro discentes do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande, do Centro de Formação de Professores, *Campus* de Cajazeiras/PB. Toda a pesquisa girou em torno do estudo da teoria Walloniana no referido curso, e da necessidade de um trabalho mais significativo com essa temática nos diferentes cursos de formação de professores.

Resultados e Discussão

Propomos a escrita de uma carta que foi destinada para cada uma das quatro participantes da pesquisa, compondo uma pergunta central acerca do nosso tema de investigação. Foi ressaltado ao longo da carta conhecida como escrita epistolar, o nosso interesse em estudar e pesquisar tal temática, na qual, também, solicitamos das participantes respondessem o que compreendem em relação à afetividade, apontando experiências agradáveis e/ou desagradáveis vivenciadas em sala de aula

que representam tal entendimento acerca do assunto.

A primeira participante em relação ao que compreende sobre afetividade, nos relata que se trata de uma “[...] maneira de você expor seus sentimentos, ou seja, é a forma pelo qual os indivíduos expressam seu carinho, dedicação, é o meio em que se estabelece uma relação entre os sujeitos [...]” (AÇUCENA). Ela nos trás a compreensão da afetividade como elemento primordial nas relações que são estabelecidas pelos sujeitos, ao ponto que nos relata que esta diz respeito aos momentos em que nos expressamos diante do outro.

Após relatar a sua compreensão sobre a afetividade a discente nos trás experiências agradáveis e desagradáveis vivenciadas ao longo da educação básica, trazendo-nos dois relatos com duas professoras diferentes: um que considera agradável e que a teria influenciado de forma positiva no seu processo de aquisição do conhecimento e a outra que a teria afetado de forma negativa, na medida em que a fez se sentir inferior e desacreditada em relação ao desenvolvimento das suas potencialidades e assim nos especifica,

Um dos fatos mais marcantes foi no ensino fundamental, isto por duas professoras que desempenharam um papel importante no meu desempenho e desenvolvimento na aprendizagem. A primeira professora atuou de forma desagradável porque a mesma falava que



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

eu tinha preguiça e não iria aprender e às vezes fazia me sentir inferior e excluída aos demais alunos, fazendo-me acreditar que nunca poderia aprender. Já a segunda professora agiu de forma contrária, esta marcou minha vida estudantil de modo agradável, pois me incentivava e dizia que para se aprender é uma questão de tempo, demonstrando atenção e dedicação de forma semelhante a todos os alunos. Isto foi de grande significância para mim, pois passei a ter mais interesse e confiança em mim mesma (Açucena).

Podemos analisar que Açucena demonstra desapontamento com a primeira professora do relato acima, pois esta não buscou estabelecer vínculos de cuidado, de confiança e de estímulos com a discente, na medida em que a todo o momento a inferiorizava com frases desestimulantes, o que a fazia se sentir excluída mediante as atividades realizadas em sala de aula.

É possível afirmarmos que esse tipo de comportamento por parte de professores é comum nas escolas do nosso país, ao ponto que este tende a ser um dos fatores predominantes que levam ao fracasso escolar de crianças em diferentes faixas etárias e níveis de desenvolvimento, basta assistirmos os telejornais ou lermos alguma matéria que fale sobre a criança na escola que saberemos que um dos aspectos que a faz desistir da instituição é a dificuldade que professores e educandos encontram em manifestar uma boa relação. Porém, o que sabemos é que nesses casos, a criança é considerada única culpada por seu fracasso e o professor, muitas vezes, sai isento dessa situação.

Vemos a diferença do sentimento de Açucena, na medida em que discorre com alegria e entusiasmo, na sua carta, quando fala da segunda professora, ao ponto que ela nos relata a confiança e estímulo que esta professora lhe transmitia durante o seu processo de aquisição do conhecimento. Açucena considera que esta professora lhe afetou de forma agradável e, portanto, influenciou de forma positiva no seu desenvolvimento, ao fazê-la adquirir maior interesse diante da sua aprendizagem e uma significativa autoconfiança que a fez se tornar protagonista desse processo, pois

Quando se estabelecem relações de confiança na sala de aula, o aluno se sentirá mais à vontade para expressar suas reflexões, dúvidas, descobertas, participações e assim, construir seu processo de aquisição do conhecimento. Por outro lado, a relação problemática pode gerar sentimentos de insegurança, dúvida, medo e hostilidade com relação ao professor e aos colegas, se ele não perceber cumplicidade e respeito à sua participação, iniciativa, respostas e erros (LIMA, 2000, p. 222).

O estímulo, a confiança e a dedicação na educação de crianças são instrumentos primordiais para os objetivos que se desejam alcançar, pois, é através desses aspectos vivenciados na interação que a criança se sentirá sujeito importante e responsável pela sua aprendizagem, na medida em que compreende que está sendo acompanhada por um profissional que se preocupa com o desenvolvimento das suas potencialidades.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Diante disso, sabemos que o professor está a todo o momento sendo observado pelos seus educandos e necessita estar atento para as influências que pode causar no trajeto desses sujeitos, pois, essas influências deixarão marcas sejam elas positivas ou negativas na vida desses seres em fase de desenvolvimento, como deixaram na vida escolar de Açucena e, portanto, precisam ser bem vistas e administradas pelo professor da melhor forma possível.

No que diz respeito a temática central da nossa pesquisa, a segunda participante diz que a afetividade

[...] é algo sigiloso e íntimo que o ser humano tem em conhecer o outro, saber o que o outro sente ou não em determinados momentos de suas vidas, sejam bons ou ruins, alegrias e tristezas, seja por meio do diálogo, ou até mesmo ao sentir compaixão dos sentimentos das pessoas, enfim, é você está perto no sentido em ajudar o colega, observando as variadas situações que acontecem ao nosso redor, é se abrir para o outro (Amarílis).

Amarílis nos trás um entendimento de afetividade que diz respeito às relações que estabelecemos com o nosso meio, na medida em que compreende que esta seja a necessidade de nos colocarmos no lugar do outro, como uma forma de empatia com os nossos pares, e se tratando do professor, este precisa estar atento a todas as formas de expressão dos seus educandos, tanto aos estados de bem-estar quanto de mal-estar destes, pois, é a partir dessas expressões que

conseguiremos compreendê-los para além do seu desenvolvimento cognitivo. Amarílis nos mostra um entendimento, mesmo que inicial, do que seja a afetividade, quando nos aponta que ela se refere ao fato de você compreender o que o outro sente, seja este sentimento bom ou ruim, que é justamente o que Wallon (1941/2007) nos faz entender, essa afetividade que abarca os estados agradáveis vividos pelos sujeitos, mas também, as suas vivências desagradáveis, tudo está relacionado ao nosso estar no mundo sendo afetados e afetando as relações.

Ao nos trazer algumas vivências afetivas agradáveis e desagradáveis, a discente recorda de duas professoras: uma do 4º e a outra do 5º ano que lhe afetaram de forma negativa e positiva respectivamente.

Assim diz que

As recordações de minha professora do 4º ano não são as melhores, pois, tinha dias que ficava apreensiva em falar com ela, a mesma tem um temperamento forte e o seu mau humor contaminava a todos, as aulas eram horríveis, quando víamos ela chegando já ficávamos com medo de sermos punidos por não esperarmos sentados na sala de aula quietos a sua espera. Tenho isso como algo desagradável e marcante. [...] a minha educadora do 5º ano que foi fundamental para mim, me apoiando nos momentos difíceis e tudo mais, gostava de conversar com ela me sentia segura para falar sobre os variados assuntos, era algo maravilhoso quando chegava à escola, a mesma demonstrava motivação e interesse nos conteúdos ministrados, falávamos de uma forma aberta a respeito da vida de uma forma geral (Amarílis).

Em relação à primeira professora que lhe ensinou no 4º ano do Ensino Fundamental,



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Amarílis nos relata que não tem boas recordações, pois esta nunca buscou estabelecer uma relação mais próxima com os seus educandos, sendo vista, na maioria das vezes, como mau humorada e causando medo nas crianças. Essa realidade vivida em sala de aula é um aspecto que merece atenção especial por parte dos professores, na medida em que o medo limita o processo de desenvolvimento das crianças e isso está presente nas salas de aula de Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental, especificamente, mas podemos citar, também, que na própria Universidade esse medo acompanha os discentes de modo que desfavorece o processo de ensino-aprendizagem entre adultos.

O medo continua sendo um dos fortes aliados do professor que não mantém um bom relacionamento com seus educandos em sala de aula de diferentes instituições. Neste caso, o professor impõe seu autoritarismo; o educando, por sua vez se sente inferior e ameaçado pelo professor e sua forma de ver o processo de ensino-aprendizagem. Isso tudo tende a fazer com que ele veja a escola como local de menos interesse por várias razões, pois

O medo pode ser verificado em situações novas ou parcialmente novas para as crianças. A criança pode sentir medo numa simples mistura de coisas ou situações que lhe sejam familiares ou desconhecidas. O medo na criança pode ser provocado, por exemplo, pela mescla do objeto

conhecido com uma situação completamente estranha para ela (ALMEIDA, 2005, p.97).

O contato constante com o medo na sala de aula pode limitar o desenvolvimento das potencialidades do educando, na medida em que esta experiência, cotidianamente, novas vivências, que lhe são estranhas e necessitam ser trabalhadas com um olhar atento e cuidadoso por parte do professor, pois é a partir de situações cada vez mais frequentes de desconforto e medo no ambiente escolar, que a criança se distanciará conseqüentemente dos resultados que se esperam no seu processo de aprendizagem.

É necessário o entendimento por parte do professor e dos demais agentes envolvidos nesse processo, das etapas de desenvolvimento da criança e das particularidades que a compõe, pois a partir dessa compreensão, este poderá refletir acerca de como pode desenvolver um trabalho significativo de acordo com cada fase em que a criança se encontra, podendo, assim, acompanhar de modo eficaz todo o processo de formação cognitiva, motora, afetiva e social dos seus discentes.

Já em relação a sua professora do 5º ano do Ensino Fundamental, Amarílis nos relata que esta foi de grande valia para a pessoa que ela se tornou hoje, pois a professora sempre buscou nas suas aulas possibilitar um diálogo aberto entre professor-aluno, ao ponto que



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

demonstrava confiança e dedicação nas atividades que eram realizadas no dia-a-dia da sala de aula. Em relação a isso Gadotti (1991, p. 69) diz que “[...] o diálogo é uma exigência que possibilita a comunicação” e “para pôr em prática o diálogo, o educador deve colocar-se na posição humilde de quem não sabe tudo”.

O apoio e o estímulo aqui também são vistos como peças imprescindíveis no relacionamento em sala de aula, pois o professor deposita no educando uma carga de motivação e abre espaço para um diálogo contínuo e significativo para ambos. Ao se sentir segura para falar com a professora, Amarílis participava das aulas de forma mais leve e nesse ínterim, o medo não existia, como quando cursou o 4º ano do Ensino Fundamental, aqui ela se sentia realizada ao fazer parte de um ambiente educativo que favorecia a sua formação enquanto sujeito integral.

A nossa terceira participante nos relata sobre o seu entendimento acerca do que seja afetividade, que segundo ela:

[...] é toda ação que possa atingir o outro, a afetividade vai bem mais além que a relação de carinho afetivo, mas sim se trata de atitudes que provoquem o sujeito seja de forma positiva ou negativa [...] (HORTÊNSIA).

Hortênsia nos relata que a afetividade é uma forma de afetar o outro de forma negativa ou positiva nas diversas vivências

dos sujeitos, pois em se tratando de relações é necessário que compreendamos que como relata Antunes (2003, p. 9) “[...] cada pessoa é, e sempre será um verdadeiro universo de individualidade; suas ações, seus motivos, seus sentimentos constituem paradigma único” e, portanto, necessitam ser acompanhados por profissionais que os compreendam na sua integração.

De acordo com Hortênsia a afetividade não se trata, apenas, dos gestos de carinho e afeto, pois, ela perpassa, também, as marcas negativas que os sujeitos podem deixar na vida de outrem, por meio de atitudes que despertam a desmotivação, o medo ou qualquer outro tipo de sentimento que limita o desenvolvimento dos sujeitos. Ainda em relação a isso ela nos relata que “[...] mesmo que seja através de uma atitude que possa parecer rígida, o professor pode estar instigando a criança [...] de maneira positiva, contribuindo assim para a formação do educando” (Hortênsia). O professor em meio a essa realidade

[...] precisa conhecer e ouvir a criança. Deve conhecê-la não apenas na sua estrutura biofisiológica e psicossocial, mas também na sua interioridade afetiva, na sua necessidade de criatura que chora, ri, dorme, sofre e busca constantemente compreender o mundo que a cerca, bem como o que ela faz ali na escola (SALTINI, 2008, p.63).

A autora enfatiza o que viemos apontando até aqui, que é a necessidade do



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

professor estabelecer, juntamente ao trabalho que é desenvolvido em sala de aula, relações agradáveis com os seus educandos, para obter um bom resultado no que se deseja alcançar, pois a formação de todo e qualquer sujeito está imersa em necessidades particulares, desejos, emoções, sentimentos, que precisam ser vistos e trabalhados pelos profissionais da educação e isso só será possível, através do conhecimento desses profissionais acerca das singularidades que compõe o desenvolvimento de cada sujeito.

Hortênsia nos trás, ainda, um depoimento de uma vivência que considera tê-la afetado de forma positiva ao longo da sua formação na educação básica, mas especificamente com uma professora de um determinado ano do ensino fundamental, ela nos diz que

[...] as experiências que vivenciei com ela, hoje me fizeram refletir, sobre as suas aulas, destacando que a mesma sabia chegar em seus alunos, utilizando de um bom contato até mesmo na hora de lhe chamar atenção para algo, ela abordava de maneira que você se sentia motivado a mostrar que podia fazer melhor, e jamais fazia com que os alunos se sentissem desmotivados, ela sempre conseguia que eu acreditasse em mim mesma, tendo a certeza de que era capaz de fazer melhor ou de conseguir atingir algum objetivo. Foi sem dúvidas uma professora que me afetou positivamente, e é através de experiências como essa que percebo o quanto a afetividade influencia no desenvolvimento da criança (Hortênsia).

Ela nos ressalta a influência que a existência de um bom relacionamento entre professor-aluno na sala de aula, pode causar

no processo tanto de ensino por parte do professor, quanto de aprendizagem por parte do educando, na medida em que estes dialogam de modo menos hierarquizado, o que reflete nos resultados que são, inicialmente, esperados.

A afetividade vista sob esse prisma, nos faz compreender a relevância da motivação na sala de aula, pois, a partir do momento que o professor busca atingir os seus objetivos, de modo que o educando se sinta parte integrante desse processo, ele terá consigo uma forma de otimizar o tempo que tem disponível para o seu trabalho, bem como os resultados que são almeçados.

O que podemos perceber na fala de Hortênsia, quando ela nos diz que a professora mesmo quando necessitava falar de modo mais autoritário com os educandos, não deixava de lado a sua forma positiva de demonstrar afeto, porque na verdade, essa situação tende a ser, também, uma forma de afetividade, ao ponto que Hortênsia se sentia motivada para com as suas atividades mediante a maneira que era chamada atenção por sua professora.

Compreendemos a partir do relato de Hortênsia, que o que muda no que diz respeito às relações que são estabelecidas dentro da sala de aula entre professor-aluno, é o modo como o professor compreende e os enxerga em meio ao seu processo de formação, pois,



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

quando este se mostra interessado para com o desenvolvimento cognitivo, motor e afetivo da criança, percebemos que tudo flui com maior naturalidade, pois ambos detêm objetivos diante do processo de ensino-aprendizagem que merecem ser respeitados.

Segundo Tognetta (2004), a dimensão afetiva está imersa na vida de todo e qualquer ser humano, e no que se refere à educação, não estamos falando aqui, apenas, da necessidade dos professores de educação infantil que lidam com crianças de 0 a 5 anos e 11 meses de trabalharem este campo, mas sim dos professores de todos os níveis de ensino, pois a afetividade é inerente ao ser humano e precisa ser trabalhada e ganhar seu devido lugar de importância no processo de ensinar e aprender, seja na educação básica, seja no ensino superior.

Em relação ao entendimento do conceito de afetividade, a última participante da nossa pesquisa nos relata que

[...] a afetividade está relacionada a afetar alguém, seja positivamente ou negativamente. Tendo em vista a prática docente, esse é um fator muito importante, pois pode tanto impulsionar o desenvolvimento da aprendizagem da criança ou pode, puro e simplesmente, gerar um bloqueio no seu desenvolvimento (GARDÊNIA).

Vemos que Gardênia também tem o mesmo entendimento das discentes analisadas anteriormente acerca do conceito de afetividade, quando esta nos diz que refere-se ao ato de afetar de forma negativa ou positiva

as pessoas que convivemos. E nos relata, também, sobre as marcas que essas vivências afetivas, sejam elas agradáveis ou não, podem deixar ao longo da nossa formação acadêmica/humana. Essas vivências podem deixar tanto marcas de superação, de alcance do que se é almejado, quanto marcas de desestímulo, de medo, como a própria discente nos relata, marcas que acabam ocasionando certo bloqueio diante do desenvolvimento dos sujeitos. Notamos isso claramente quando ela nos relata uma experiência afetiva desagradável vivenciada durante a graduação em Pedagogia e diz

Eu estava passando por um momento delicado na família, mas isso pouco importou à professora. Meu desempenho no trabalho de dramatização exigido por ela não foi tão bom, admito, mas isso não lhe dava o direito de me humilhar diante dos demais colegas de sala. Até hoje não superei esse “trauma”. Fale em tudo, menos em uma dramatização, eu não consigo fazer, pois a lembrança da humilhação gerou um enorme bloqueio. Imagine se isso ocorre com uma criança (GARDÊNIA).

Está explícito, no depoimento de Gardênia, o bloqueio emocional que ela carrega consigo no que se refere ao trabalho com dramatização e isto se deve a forma como a professora se posicionou mediante o estado da discente nesse dia. Vemos a realidade de que esse tipo de situação, não acontece, apenas, na educação básica, mas sim em qualquer nível de ensino, em qualquer local que estejamos lidando com pessoas, que necessitam serem compreendidas na sua



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

integração, no que se refere aos aspectos emocionais, aos seus sentimentos mediante tantas situações que se fazem presentes no nosso dia-a-dia.

O trauma que Gardênia interiorizou, poderia ter sido evitado, se tivesse ocorrido um olhar atento por parte da professora mediante os problemas que ela enfrentava em seu ambiente familiar e que a fez não obter êxito no que era esperado para a referida aula. É possível afirmarmos a necessidade do professor conhecer o mínimo dos seus educandos, mas isso só será viável mediante o diálogo e a aproximação, pois estes componentes da relação professor-aluno é que vão fazer com que a atenção, o cuidado, mas também o reconhecimento das limitações sejam trabalhadas de modo que não substitua a sua autoridade e o que espera do processo ensino-aprendizagem.

Vemos então, nessa experiência vivenciada por Gardênia a falta de importância que foi dada por esta professora, ao contexto que envolve o desenvolvimento da aluna, ao ponto que não buscou se sensibilizar para com as limitações desta mediante a atividade proposta em um determinado dia de aula. Esse modelo de professor/a ultrapassa o nível de ensino, pois existem desde a pré-escola até o ensino superior, favorecendo grandes desistências do ambiente educacional e oportunizando

grandes embates com relação à autoestima e a capacidade de aprender. Podemos enfatizar que

O professor autoritário, o professor silencioso, o professor competente, sério, o professor incompetente, irresponsável, o professor amoroso da vida e das gentes, o professor mal-amado, sempre com raiva do mundo e das pessoas, frio, burocrático, racionalista, nenhum deles passa pelos alunos sem deixar sua marca (FREIRE, 1996, p 73).

Ao final da análise das cartas escritas pelas participantes da pesquisa, reforçamos o nosso entendimento de que a afetividade perpassa uma série de aspectos que vão desde a vivência com sensações agradáveis, quanto desagradáveis durante a nossa trajetória de vida estudantil/profissional/pessoal. E nesse ínterim, as vivências que são experienciadas ao longo desse processo, deixarão marcas para toda a vida do sujeito, sejam elas positivas ou negativas, e sabendo disso, o professor necessita estar atento as marcas que almeja deixar na formação dos seus educandos e isto se inicia quando este reflete acerca de que sujeito deseja formar em meio a atual sociedade em que vivemos.

Sabemos, ainda, que estudar a temática da afetividade não é uma tarefa simples, mas que também não é impossível desde que tenhamos clareza da intencionalidade do trabalho que envolve a docência, a relação professor-aluno em sala de aula a partir das diferentes capacidades. A participação das



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

quatro discentes do Curso de Pedagogia vem nos alertar para a necessidade de compreendermos o que é essa afetividade que utilizamos na fala diariamente e que nem sempre entendemos seu real sentido.

É imprescindível levarmos em consideração que estamos no Curso de Pedagogia para aprendermos a lidar com a docência em salas específicas da Educação Infantil e Anos Iniciais, mas se não obtivermos noções básicas do comprometimento com a criança integral como nos diz Wallon (1941/2007), a partir das diferentes teorias, será difícil concretizarmos um trabalho completo que envolva a criança em suas várias dimensões, pois nós, enquanto pedagogas, não fomos formadas para tal especificidade.

Assim, esse trabalho é para que possamos entender a necessidade da discussão da afetividade no Curso de Pedagogia, para que os novos conhecimentos sejam revertidos na prática em diferentes escolas e possamos entender a afetividade para além do que falamos cotidianamente nas nossas relações.

Conclusões

Compreendemos que este momento de conclusão, nada mais é do que uma reflexão acerca do que foi coletado mediante o nosso objeto de estudo, pois, na medida em que líamos os dados, percebíamos tantas

outras possibilidades de efetivar estudos e pesquisas acerca da nossa temática, a partir da existência de um determinado objeto e problema de pesquisa a ser investigado.

O trabalho com as cartas como um instrumento de coleta de dados para a nossa pesquisa, nos possibilitou uma experiência ímpar com os sujeitos e o nosso objeto de estudo, pois, pudemos a partir destas, ter uma visão mais particular das singularidades de cada participante da pesquisa, bem como sobre os seus entendimentos acerca do conjunto funcional da afetividade, considerado primordial no desenvolvimento do sujeito. Esta técnica da epistolografia acarretou em dados significativos para os objetivos que elaboramos para essa pesquisa, na medida em que as discentes puderam nos expressar por meio dessa escrita, vivências afetivas desde a educação básica, como forma de compreendermos o entendimento de tal acerca do que seja afetividade.

Uma das participantes nos trouxe algumas experiências afetivas positivas para o seu desenvolvimento enquanto sujeito, e outras nos trouxeram, também, vivências que as afetaram de forma negativa, ao ponto que em uma delas, deixaram até “traumas” mediante algumas situações específicas ocorridas na sala de aula. Diante disso, compreendemos que realmente a afetividade “[...] refere-se à capacidade, à disposição do



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

ser humano de ser afetado pelo mundo externo/interno por sensações ligadas a tonalidades agradáveis ou desagradáveis” (ALMEIDA; MAHONEY, 2007, p.19).

Em relação à afetividade, vemos que esta é compreendida, como uma forma de afetar e ser afetado por sensações agradáveis e desagradáveis em meio as nossas vivências, porém, ela também foi compreendida, apenas, como uma forma que temos de afetar e de sermos afetados positivamente, sem levar em conta que ela perpassa uma discussão bem mais ampla, do que o senso comum compreende ser.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, L; MAHONEY, A. A dimensão afetiva e o processo de ensino-aprendizagem. In: ALMEIDA, L; MAHONEY, A. (Orgs.). **Afetividade e aprendizagem: contribuições de Henri Wallon**. São Paulo: Loyola, 2007.

ALMEIDA, A. R. S. **A emoção na sala de aula**. 2. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2005.

ANTUNES, C. **Relações Interpessoais e Auto-estima**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GADOTTI, M. **Convite à leitura de Paulo Freire**. São Paulo: Scipione, 1991.

LIMA, M. do S. M. **O problema da indisciplina nas classes de 1ª a 4ª séries do Ensino Fundamental**. 257 f. Dissertação (Mestrado). Universidade de Brasília, Instituto de Psicologia, Brasília, 2000.

OLIVEIRA, M. **Como fazer pesquisa qualitativa**. 2 ed.- Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

SALTINI, C. J. P. **Afetividade e inteligência**. Rio de Janeiro: Wak, 2008.

TAMAROZZI, E. Cartas de Moçambique: uma experiência de afetividade no processo de formação de professores. In: ALMEIDA, L. R. de.; MAHONEY, A. A. (Orgs.). **Afetividade e aprendizagem: contribuições de Henri Wallon**. São Paulo:Loyola, 2007.

TOGNETTA, L. R. P. **A construção da solidariedade e a educação do sentimento na escola: uma proposta de trabalho com as virtudes numa visão construtivista**. FAPESP. Campinas: Mercado das Letras, 2004.

WALLON, H. **Psicologia e Educação da Infância**. Lisboa: Estampa, 1973.

WALLON, H. **A evolução psicológica da criança**. Tradução: Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 1941/2007.